

(3) "Pela fé no Filho" ou "do Filho de Deus" — As versões modernas trazem normalmente "pela fé no Filho", embora o texto original grego bem como a versão latina antiga tragam um genitivo: "pela fé do Filho de Deus". E aqui transcrevo literalmente a Nota que se encontra, sobre esta expressão, na já citada TEB (cf Nota anterior): "Como compreender esta fórmula que se encontra também em Gl 2,16, em Rm 3,22.26 e em Fl 3,9? Os comentadores a interpretam habitualmente como se ela designasse a fé em Jesus Cristo (genitivo objetivo): Jesus Cristo é o objeto da fé. Mas Paulo poderia querer dizer que a fé tem Jesus Cristo como origem (genitivo de origem): Jesus Cristo é a fonte da nossa fé: ele nos dá a graça de crer. Um último sentido é possível: a fé é uma atitude do próprio Jesus Cristo (genitivo subjetivo): Jesus Cristo tem em seu Pai uma fé total. . . e por ela nos justifica, pois ela o faz cumprir a sua missão de salvação. Essa afirmação seria paralela à de Rm 5,19, que atribui a justificação dos homens à obediência do Cristo. . ."

(4) É o famoso versículo de Os 6,6, que compendia a polêmica profética contra o formalismo religioso do culto, versículo que coloca em paralelo "misericórdia" — traduzindo o original hebr. *hesed*: amor, fidelidade, solidariedade — e "conhecimento de Deus", contrapondo-os a "sacrifício ritual" "holocausto". O mesmo texto será novamente aduzido por Jesus em Mt 12,7, ao defender seus discípulos que, tendo fome, haviam colhido e comido espigas de trigo em dia de sábado.

(5) Popularmente conhecida como parábola do "filho pródigo", eptágrafe que não corresponde ao sentido integral do ensinamento de Jesus, claramente centralizado na figura do pai e igualmente visando à dureza de coração dos "escribas e fariseus" legalistas, muito bem retratados na figura do filho mais velho. Um título mais abrangente da parábola seria: "O pai misericordioso e seus dois filhos". O título pela "Bíblia Pastoral" (Ed. Paulinas, SP, 1990) faz bem em alertar para "os dois filhos", mas omite a referência ao personagem central que é o pai, "o pai misericordioso".

(6) João visa provavelmente os "separatistas", ex-membros da comunidade ou em vias de se auto-excluírem, influenciados por um gnosticismo presunçoso que os levava a se considerarem "perfeitos", impedindo-os de reconhecerem os próprios pecados.

(7) "Advogado", em gr. *paráklētos*, termo que em Jo 14, 16.26; 15,26 e 16,7 designa o "outro Paráclito", o "Espírito da Verdade que procede do Pai e dará testemunho" de Jesus, significa igualmente "advogado", "defensor" e "consolador" — aplicando-se aqui a Jesus como nosso intercessor junto do Pai (cf Hb 7,25 e também Rm 8,34), enquanto em João,

nas passagens assinaladas, aplica-se ao Espírito Santo que vem em nosso auxílio na terra. Notar, porém, que, na carta aos romanos (Rm 8,26-27), o Espírito Santo também é apresentado como intercessor, ajudando-nos a orar.

(8) Ver, a propósito desse texto da IJo 2, 12-14, o meu estudo no número anterior desta revista, no artigo sobre "A força dos jovens na primeira carta de João", *Enc. Teol.* 11 (1991/2), p. 6-12, especialmente p. 7.

(9) É interessante notar que em outro contexto, no c.15 do quarto evangelho, na alegoria da Videira, Jesus nos garante que é a sua palavra que nos "purifica" e nos "poda" (Jo 15,3: são possíveis os dois sentidos do verbo gr. *kathairo*), libertando-nos dos pecados que impedem que produzamos os frutos que glorificam o Pai (cf Jo 15,8). Tenho a impressão de encontrar aí, em Jo 15,3 (a Palavra) e na IJo 1,7 (o Sangue), as duas vertentes que constituem a liturgia integral da Igreja: a Palavra conduzindo à Eucaristia e a Eucaristia iluminada pela Palavra, ambas purificando-nos de nossos pecados e ambas vitalizando-nos com a vida divina. Não seria a mesma tendência gnóstica e/ou docetista que levaria alguns hoje também, como parece ter sido o caso dos "separatistas" da comunidade joanina, a reduzir os encontros comunitários à Palavra, esquecidos de que "a palavra se fez carne" (Jo 1,14) e que a "Carne imolada deve ser comida" e o "sangue derramado deve ser bebido", para que tenhamos a vida em nós (cf Jo 6,51b-53)?

(10) Cf as explicações pertinentes de STOTT, J. R. W. in I, II e III João, Introdução e Comentário, Edit. Mundo Cristão, Série Cultura Bíblica, trad. do original inglês de 1964, SP 1982, p. 108-109.

(11) SCHNACKENBURG, R. "Cartas de San Juan" (trad. do original alemão de 1974), Barcelona, Edit. Herder, 1980, p. 269

(12) Aqui, num dos seus lances de gênio, João nos pega desprevenidos: seria lógico termos lido que deveríamos "dar a vida por Ele", porque "Ele deu a vida por nós. . .", mas não. Como já Oséias havia advertido, afirmando-nos que "conhecimento de Deus" equivale a "solidariedade interhumana" (cf Os 6,6, mas também os 4, 1-2 e, ainda, Jr 21, 16: "conhecer a Deus" é socorrer o pobre!), também aqui, a nossa retribuição ao amor de Deus, "a quem nos vemos", está em amar o irmão "a quem vemos" (cf IJo 4,20b)!

Endereço do autor:

ITESC — ex. postal 5041

88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

PADRE PAULO BRATTI

Presbítero da Igreja

Pe. José Artulino Besen
Prof. de História da Igreja

Terminei de redigir estas páginas no dia em que se celebram os 10 anos de falecimento do Pe. Paulo, 15 de maio de 1992. São páginas ditadas por recordações e afetos. São páginas de um amigo, não de um analista frio. Aprendi a conhecê-lo e admirá-lo, sem deixar de questionar certas posições e atitudes suas. Durante sete anos, quando vinha de Azambuja a Florianópolis para lecionar no ITESC às segundas-feiras, conversávamos longamente. Batia à porta e, após uns instantes, o "entre!". Era Pe. Paulo deixando seu "ócio contemplativo" e vindo atender com toda a disponibilidade. Como gostava de novidades e, especialmente, da garimpagem de um elogio a uma palestra ou artigo seus! A gente, de propósito, fazia ouvidos de mercador. . . Na segunda-feira antecedente à sua morte conversamos e ele expôs-me longamente seu projeto de um livro com seus principais artigos. Desta conversa nasceu a obra, publicada pelas Edições Loyola, A FÉ NO DESTERRO (1983).

Pe. Bratti era um ótimo conversador. Gostava do contato com pessoas da política e formadores de opinião.

Escrevi estas páginas seguindo a memória, as conversas com os outros e, especialmente, manuseando toda sua correspon-

dência e os dois volumes de seu Diário pessoal. Tenho consciência de que muitos não concordarão com certas afirmações, pois o conheceram em outros momentos e situações, não tendo a oportunidade de descobrir em Pe. Paulo a pessoa humana e cristãmente rica que era. Não escrevo uma biografia. É mais uma memória de amigo para amigos dele.

ALGUNS DADOS

Paulo Bratti, filho de Pedro Otaviano Bratti e de Veneranda Bussolo Bratti, nasceu em Orleans, terra dos Condes, a 29 de junho de 1936, dia de São Pedro e São Paulo. Gostava de lembrar simbolicamente a data, pois se celebrava Pedro, a Rocha, a Instituição, e Paulo, o Carisma, o primeiro depois do Único, Cristo.

Realizou seus estudos primários na Escola Estadual de Orleans, de 1947 a 1949. Cursou os estudos preparatórios no Pré-Seminário de São Ludgero nos anos de 47 e 48.

O Ginásio e o Clássico foram feitos no Seminário Menor Metropolitano de Azambuja, em Brusque, entre os anos de 49 e 53. Segue depois para o Seminário Maior de Viamão, no Rio Grande do Sul, onde cursa Filosofia de 54 a 56.

Nesses anos cria-se a Diocese de Tubarão e Paulo Bratti nela se incardina. Destinado a estudar Teologia em Roma no ano seguinte, vê as coisas inexplicavelmente se tumultuarem e passa o ano de 1957 e metade de 58 como professor em Azambuja, incardinando-se na Arquidiocese de Florianópolis. Segue para Roma em setembro de 58 e lá permanece até final de 1962, quando retorna ao Brasil, já ordenado presbítero.

De 1963 a 1966 trabalhou como Vigário Paroquial do Santíssimo Sacramento, em Itajaí, onde se dedica à formação de leigos e à Ação Católica. Em 1967 é nomeado professor e diretor espiritual no Seminário de Azambuja.

No ano seguinte é transferido para Curitiba, onde leciona Teologia e é assistente e diretor espiritual no PAULINUM, Seminário Catarinense.

Deixou um grande vazio no ITESC e profunda lacuna na Igreja catarinense, na qual era maduro e competente teólogo

De 1973 a 15 de maio de 1982, dia de sua morte, foi o primeiro Diretor do Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC) em Florianópolis, e Reitor do Seminário Maior até 1980.

Faleceu repentinamente em São José, ao retornar da celebração da Festa de Nossa Senhora Aparecida, na comunidade de Rio Grande, em Palhoça, deixando um grande vazio no ITESC e profunda lacuna na Igreja catarinense, na qual era maduro e competente teólogo. Deus o chamou no momento em que estava melhor preparado e amadurecido para o trabalho teológico! Está sepultado no Cemitério São Francisco de Assis, em Florianópolis, onde, "pecador que Deus amou", aguarda a ressurreição final. No momento de sua morte seus pais residiam em Lages, onde se preparavam com muito entusiasmo para a celebração do Jubileu de Ouro de vida matrimonial, no mês seguinte. Cena comovente contemplar Dona Veneranda contemplando o filho sacerdote, morto tão jovem!

Paulo Bratti não era dado a comentários sobre seus familiares ou mesmo sobre seu passado. Não foi homem de apegos e do cultivo da saudade. Pusera mão no arado e não olhara mais para trás. A tudo abandonara para poder se consagrar ao Senhor. O que se sabe dele é que sempre vivera com muita intensidade e vivacidade. Inteligência intuitiva e não muito reflexiva, era dotado de memória extraordinária, conseguindo repetir página inteira após uma única leitura. Assumia muitos compromissos e não precisava da Agenda para deles se lembrar. Após uma eleição era capaz de citar sem esforço todos os eleitos, com respectivos partidos. Os Bispos do Brasil, conhecia-os todos pelo nome e Sé episcopal. Dom precioso que lhe facilitou muito o trabalho de professor e conferencista.

Devotava horror às ciências exatas, a dados científicos. O que lhe interessava mesmo era tudo o que se referia à pessoa humana e a Deus. Gostava de glosar Paulo VI:

"O padre deve ser um especialista em humanidade".

NA CIDADE ETERNA

Em julho de 1956, a conselho dos Superiores do Seminário de Viamão, Dom Anselmo Pietrulla, DD. Bispo de Tubarão,

convidou-o a fazer o Curso de Teologia em Roma, hospedando-se no Pontifício Colégio Pio Brasileiro. Paulo Bratti aceitou o convite com entusiasmo. Como era de família pobre, procurou benfeitores que lhe custeassem todos os estudos em Roma e preparou seu enxoval. Despediu-se do Seminário, veio para Orleans despedir-se dos familiares. Tudo pronto para embarcar, quando recebe de Dom Anselmo a ordem de suspender a viagem. . . No Retiro do Clero, Mons. Bernardo Peters, Vigário Geral, comunicou a todos os sacerdotes que Paulo Bratti e dois outros seminaristas tinham saído do Seminário para um período de experiência. E na verdade Paulo Bratti já havia feito os exames finais e saído do Seminário para viajar a Roma! Criou-se no meio do Clero um clima desagradável de prevenção contra ele. Os benfeitores não entendiam o que estava acontecendo. . .

Abatido pela tristeza, escreve a Mons. Afonso Niehues, Reitor de Azambuja, que se interessa pelo caso, aconselhando-o a escrever a Dom Joaquim, Arcebispo de Florianópolis, o que foi feito a 5 de fevereiro de 1957. A 12 do mesmo mês Dom Joaquim responde que o aceita na Arquidiocese de Florianópolis, após parecer favorável de Dom Anselmo, que não entende a "teimosia" de Bratti em querer ir para Roma. E escreve, em carta de 15 de fevereiro do mesmo ano:

"... um seminarista que já no tempo do Seminário demonstra tais atitudes de orgulhosa teimosia, será, quando ordenado, uma espinha na garganta do seu Ordinário..."

O calvário de Paulo Bratti estava apenas começando. É enviado para o Seminário de Azambuja, onde permanece até agosto do ano seguinte.

Em junho, Dom Joaquim confirma que poderá seguir para Roma. Mas em janeiro, o Vigário-Geral escreve sobre a impossibilidade da viagem e lhe sugere ir estudar em Curitiba. O Reitor do Pontifício Colégio Pio Brasileiro escrevera que seria impossível sua matrícula lá. De Tubarão andaram tramando para que isso acontecesse.

Mons. Afonso Niehues intervém novamente e sugere que, sendo assim, o melhor caminho seria o retorno a Viamão. Mas nesse momento Dom Joaquim sentiu-se melindrado e cutucado com vara curta: afinal, recebera-o em sua Arquidiocese, destinara-o a Roma, e que autoridade superior haveria no mundo para duvidar de seu discernimento?

Paulo Bratti fique por enquanto em Azambuja, e vamos ver quem decide! Para Dom Joaquim, alguém estaria querendo duvidar de sua autoridade. . . Escreve a 18 de fevereiro para o Pe. Paulo de Tarso Nacca SJ, Reitor do Pio:

"Bratti tem os mais lisongeiros atestados quer da Reitoria de Viamão, quer da de Azambuja, onde fez seu estágio de preparação, quer dos Superiores de Tubarão. Agora, com surpresa, chegou ao conhecimento da Cúria, indiretamente, que Paulo Bratti "não poderia frequentar esse Colégio".

Isso teria partido não se sabe de onde — embora não pareça difícil conjecturar — chegou até aí, partiu, quanto parece do Rio de Janeiro, de lá para pessoa categorizada desta Capital. Mas à Cúria, diretamente, à Cúria, a mais interessada, à Cúria, e somente a ela, absolutamente nada! Não está aí uma prova de suspeição, ciúme, vingança, ou seja o que for? Sinceridade, pelo menos, é o que não parece haver. Por isso, esta Cúria, cônica da sua responsabilidade, mas cônica também da inocência do pobre moço, estaria disposta a ir até o fim. A desmascarar, se possível, ou a neutralizar possíveis intenções maldosas".

O Vigário-Geral, Mons. Frederico Hobold, escreve no mesmo teor a Mons. José de Castro Pinto, no Rio, responsável pela Comissão Pró-Pio Brasileiro.

A 10 de março, o Reitor do Pio escreve a Dom Joaquim, esclarecendo ser impossível matricular o Bratti, pois *"elementos turbulentos ou orgulhosos só têm trazido prejuízo ao bom andamento e progresso deste Colégio"*.

Esta frase, Dom Joaquim risca com lápis vermelho e põe nela um imenso ponto de interrogação. . .

Responde a 18-3 que informações negativas não partiram da Cúria. ". . . a Cúria e a Arquidiocese são evidentemente as mais interessadas e também as mais autorizadas; interessadas porque Paulo Bratti é súdito próprio, e autorizadas porque nesta Arquidiocese, ou sob as suas bênçãos e autoridade, ele se criou e formou exclusivamente".

E, segue o Arcebispo, maliciosamente:

"Quanto parece — peço reserva para essa parte — o grande crime de Paulo Bratti, consiste em haver preferido à Diocese de Tubarão, onde as coisas mudaram, não se sabe bem porque, preferido, digo, à Diocese de Tubarão a Arquidiocese de Florianópolis".

Escreve a 31 de março ao Reitor do Pontifício Colégio Americano do Norte, Mons. Joseph E. Emmenegger, pedindo que receba o Bratti como hóspede. Chega resposta negativa a 17 de abril: o Americano do Norte só recebe norte-americanos.

Dom Joaquim não desiste. A 30 de abril escreve ao Diretor do Pontifício Colégio Francês, pedindo uma vaga, para o aluno que "*se révèle un enfant très intelligent, et disposé à suivre non seulement les déterminations du Règlement, mais les ordres et les conseils de ses Supérieurs.*"

Por sorte, o Reitor Pe. H. Barré responde afirmativamente a 15 de maio! Dom Joaquim escreve ao Paulo Bratti a 28 de maio, mas não lhe dá notícia. . . É que ouvira dizer que Bratti não faria muito gosto de ir para o Colégio Americano. Logo ele, que sempre devotara especial aversão à língua inglesa. . .

Então, uma puniçãozinha: pede-lhe que o acompanhe na Visita Pastoral a Vidal Ramos em agosto, aconselhando-o:

"Vá recordando as cerimônias e acumulando um pouquinho de paciência, especialmente para as Crismas".

Paulo Bratti ficou sabendo da carta ao Norte-Americano e se apavorou! A 5 de junho escreve sugerindo o Pio Francês, mas na sua linguagem diplomática:

"*caso a resposta seja positiva, isto é, caso houver matrícula, eu preferiria (e prefiro) o Colégio Norte Americano a qualquer outro, mesmo ao Francês*".

Explicação muito importante para quem conhecia o Arcebispo.

Finalmente Dom Joaquim faz a comunicação oficial da viagem de Paulo Bratti ao Reitor do Francês, sem esquecer uma elegante admoestação:

"*Il me semble qu'il vient de souffrir les effets de la nostalgie, ou plutôt, de ce que nous appelons "saudade", nom que l'on ne peut presque traduire dans d'autres langues*".

Com alegria imensa Paulo Bratti recebe a notícia da viagem para Roma. Quase dois anos se passaram de surpresas e incompreensões.

Mas não guardou mágoa. As coisas se aclarariam por si.

A 7 de setembro de 1958, tendo viajado a bordo do "Provençe", chega a Gênova. Choviscava. As 5, 40 desembarcava, emocionado, em Roma, indo direto para o Colégio Francês. Lamentou não ter chegado a tempo de ver o Papa Pio XII, morto dois dias depois. Vai logo visitar o Pio Brasileiro, onde se encontrou com os velhos amigos Silvestre Philippi e Afonso Guimarães. No dia 10 anota no Diário:

"*Começou o Retiro no Seminário Francês mas eu pouco aproveitei, porque estou com a alma devastada pela saudade. Custa até a conciliar o sono*".

O que amenizou sua saudade foi o tempo movimentado das exéquias de um Pontífice e a eleição de outro. Vale ler o que escreveu:

"*26-10: Começo do Conclave. Fui ver todas as "fumata". Cinco negativas e a última positiva.*

28-10: Estava junto à estátua de São Paulo, frente à Basílica, quando saiu a "fumata" decisiva.

O pessoal ficou perplexo, pois àquela hora, 5,10, não se distinguia a cor da fumaça que, aliás, foi pouca. Alguns fizeram inclusive menção de sair. Para resolver as dúvidas, os Conclavistas apareceram em grande número a acenar para dizer que "il Papa era fatto". A praça foi-se enchendo. Veio banda e destacamento do Exército homenagear o eleito.

A gente estava irrequieta com vontade de gritar, pular etc.

Dá a pouco o Card. Canali anunciou ao mundo o nome do eleito: Card. Angelo Giuseppe Roncalli, Patriarca de Veneza, que tomou o nome de João XXIII, cuja primeira bênção recebi de pertinho".

Entretantes muda o Reitor do Pio e Pe. João Bosco da Rocha SJ, novo Reitor, não põe obstáculos à sua residência ali. Paulo escreve ao Arcebispo, solicitando a transferência. A resposta positiva chega a 5 de novembro:

"*Que alegria! Como Deus foi bom comigo!*".

No mesmo dia aproveita a lambreta do Pe. Guglielmi e faz a mudança.

Terminara o pesadelo de Paulo Bratti: tanto obstáculo, tanto sofrimento, e ele agora estava no Pio Brasileiro:

"*Deo gratias et Mariae SSmae..!*"

A 15 de dezembro o Arcebispo o admoestará:

"*. . . você — não duvido — procurará ser aí dos primeiros em tudo. Pelo menos no que depender de você. A oposição partiu também donde você de certo nem suspeite. Mercê de Deus, de fora desta Arquidiocese. Está em você mostrar a verificação das palavras: "Mendaces ostendit, qui maculaverunt illum", Sab. 10, 14*".

Seus Diários são um documento interessantíssimo

Paulo Bratti permaneceu 4 anos em Roma. Seus Diários são um documento interessantíssimo do dia-a-dia de um seminarista brasileiro na Cidade Eterna. E os anos que lá viveu foram de uma importância vital na vida da Igreja: João XXIII, as novas tendências teológicas e exegéticas, o Concílio, as experiências da "Missa Dialogada" que comenta com satisfação. Pôde sentir todo esse novo espírito no coração da Cristandade.

A época, as relações entre Igreja e Estado no Brasil eram muito pacíficas e estreitas. O Colégio recebia quase semanalmente alguma autoridade brasileira. As Embaixadas junto ao Quirinal e à Santa Sé ofereciam recepções. Paulo Bratti não perdia ocasião para contatos. Era de uma facilidade extrema para entabular relacionamentos e amizades. Chegava um Embaixador e logo Bratti era seu amigo e aproveitava para umas passeadas e conversas!

Era o tempo áureo da Ação Católica, do Movimento por um Mundo Melhor, do Pe. Lombardi. Frequentava as reuniões na "Domus Mariae", conversava com as lideranças leigas. Isto foi fundamental para desclericalizá-lo. Aprendeu a ver no leigo um colaborador necessário e eficiente na obra evangelizadora. Teve a oportunidade de conhecer a realidade brasileira através de seus melhores expoentes, que se tornaram seus amigos, como Dom Helder Câmara e Alceu Amoroso Lima.

Traço interessante de sua personalidade era a "fraqueza" por Bispos e Cardeais, dos quais faz questão de citar os nomes. Uma admiração incondita por eles e por autoridades do mundo político e intelectual. Conversava longamente com cada Bispo brasileiro de passagem por Roma. Marcou-o muito o primeiro encontro com o Cardeal Montini:

"*Às 4,30, com o Tolentino, o Zeno, o Prado e o Benedito,*

fui visitar o Cardeal Montini na "Domus Mariae". É um homem impressionante. "Quando gli operai sono buoni, la vigna é fecon-da" — disse-nos ele. "Voi avete Mons. Helder Câmara!" Enquanto ele falava, meu coração batia descompassadamente"

Esta simpatia por Montini se acentuou sempre mais e teve a alegria de vê-lo eleito papa, Papa Paulo VI, em 1963, quando já estava no Brasil. Recebia com entusiasmo todos os seus pronunciamentos. Era o Papa que lhe falava ao coração.

Na vida interna do Pio Brasileiro Bratti foi figura marcante, verdadeiro líder. Com grande senso de humor dirigia comédias, era ator aplaudido, presidente da Academia, orador oficial, planejador dos célebres trotes que recebiam os novos alunos a cada ano, gostava de cantar, tocava órgão, piano e violão. Torcedor e jogador fanático de futebol. No seu Diário nunca esquece de anotar os resultados das partidas de que participava. Para ele foi conversão deixar o amor pela música, pelo teatro, pelo canto, pelo futebol! Tinha dificuldade de seguir certas orientações de alguns superiores, não abertos aos novos tempos. Sua obediência era sempre consciente, nunca oportunista para ganhar o favor da autoridade. Não foi aluno brilhante no sentido de aluno = o que estuda para fazer boas provas. Era ótimo estudante: não perdia conferências, visitava sôfregamente as livrarias. A História Eclesiástica era sua disciplina preferida. Sofria com os professores "cerebrais" ainda lecionando uma Teologia racional, pouco bíblica. Sua Teologia será aquela assimilada pela leitura contínua dos autores que prepararam e fizeram o Concílio, especialmente De Lubac, Congar, Chenu, Rahner, Daniélou. Paulo Bratti foi um homem do Concílio Vaticano II. Não assimilou muito as correntes teológicas da década de 70.

Paulo Bratti foi um homem do Concílio Vaticano II

Interessantíssima sua correspondência com Dom Joaquim, a quem tanto estimava. Cada linha de uma carta deveria ser bem estudada, pois o Arcebispo lia-a com muita atenção. Especialmente as notícias sobre o Concílio, a incipiente reforma litúrgica. A 15 de novembro de 1959 escreve-lhe que está fazendo um curso especial sobre a Teologia da Pregação. Dom Joaquim, que se considerava um modelo feito de pregador, logo comenta:

"Teologia da Pregação". Não compreendo bem os termos. Mas não duvido da utilidade e mesmo da grande oportunidade desse curso. Pelo menos que a pregação seja o que ela deve ser".

Em junho de 1960 Dom Joaquim vai a Munique participar do Congresso Eucarístico Internacional. Descreve numa longa carta a Bratti as peripécias da viagem, e o modo respeitoso com que se ofereciam para carregar sua bagagem, apenas viam o "pouco de roxo" que trazia na cabeça! De Fulda, onde se encontrava em férias, Bratti lhe escreve e uma frase não caiu no agrado do Arcebispo: *"Dos dias 2 a 8 do corrente (agosto de 60) estivemos em Muenchen assistindo ao esplêndido Congresso Eucarístico Internacional. Um verdadeiro triunfo. Tive o prazer de me encontrar em Muenchen com S. Ex.^a D. Afonso Niehues e D. Anselmo Pietrulla. Infelizmente o tempo era curto para uma conversa mais longa"*.

O velhinho se põe de ciúmes e lhe escreve a 29 de agosto:

"Fico ciente do prazer que teve em se encontrar com S. Ex.^a o sr. D. Anselmo Pietrulla, e de que "infelizmente o tempo foi curto para uma conversa mais longa". Certamente teriam sido momentos bem agradáveis."

Bratti tem que se explicar para não esfriar a amizade:

"Eu devo ter-me expressado mal — escreve a 25 de setembro — no atinente a meu encontro com D. Anselmo em Munique. Eu quis dizer a V. Ex.^a que o tempo "infelizmente era curto para uma conversa mais longa" com D. Afonso a quem muito devo e muito quero. É claro que com D. Anselmo tenho bem pouco a conversar".

Deve-se notar que jamais, em correspondências ou no Diário, externa qualquer mágoa ou comentário sobre o ocorrido antes de sua vinda para Roma. Apenas chegou a dizer que seus dias no Colégio Francês foram os mais tristes de sua vida.

E assim vai a correspondência de Dom Joaquim, ora motivando para os tratados teológicos, ora para visitar museus, recomendar a oração do Breviário e até solicitações deste tipo:

"A propósito

— carta de 2 de setembro — Você logo que tiver ensejo, me diga qual é o significado: a) — das inscrições do Obelisco da Piazza del Popolo e da Coluna de N. Senhora, da Piazza Santa Maria Maggiore; b) — dos Leões, à entrada da Basílica de S. Lourenço fora dos Muros; c) — dos Blocos da Coluna na praça Colonna, . . ."

Paulo Bratti, muito esperto, a este tipo de solicitação responde que consultou os maiores especialistas e tratados, encontrou algumas respostas, mas não todas, pois sabia que Dom Joaquim queria era mostrar conhecimento. Então, Dom Joaquim mesmo explicava os monumentos!

Trabalho mesmo Paulo Bratti passou para encontrar hospedagem para Dom Joaquim, que vinha participar do Concílio Ecu-mênico. O pedido era cheio de exigências, mas duas especialmente:

"Quanto à alimentação, não tem nada que se preocupar: a mais simples do mundo: de manhã, é certo, um café reforçado. Mas no almoço (12h), se houver um feijão mesmo branco, temperado com um pouco de cebola e uma cabeça de alho, o mais é secundário. Bebida: um copo de água fresca. Não por economia, é claro".

E mais:

"E se tivesse um quintalzinho, jardim ou horta, etc., isso seria melhor".

Paulo Bratti gira por Roma atrás deste tipo de hospedagem. Consulta as Irmãs Salvatorianas, as Beneditinas da Divina Providência, a Domus Mariae, as Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade, do Imaculado Coração de Maria, a Comissão de Hospedagem. Escreve a Dom Joaquim, fazendo o relatório, mas este tem outra resposta: Já arrumara hospedagem para ele e seu Secretário (Paulo Bratti) na Residência das Irmãs Franciscanas na Via Nicoló V n.º 35! Então, tudo arrumado.

Paulo Bratti foi nomeado Secretário particular de Dom Joaquim durante o Concílio, prestando os juramentos consuetos. Teve a satisfação de medir a reação de Dom Joaquim, irritado quando viu que os rumos do Concílio não seriam aqueles de "condenar os erros e fazer brilhar a Igreja".

Em noites insones Dom Joaquim treinava intervenções de protesto, que nunca concretizou. Participou apenas da primeira Sessão, iniciada em outubro de 1962. Por sua idade cronológica episcopal ocupou os primeiros lugares na Basílica de São Pedro, e gostava de perguntar, com certa vaidade: *"Certamente todos estarão se perguntando: — e quem será aquele Bispo pequenino, lá na primeira fila? Que Sé importante ocupará?"*

Chegara o momento de Pe. Bratti retornar ao Brasil. A 5 de dezembro de 1962 embarca no "Augustus" em Nápoles, chegando a Santos no dia 20.

No dia 29 é recebido com festas na sua terra natal:

"Que festa! Que alegria! Toda a família reunida! Que graça, meu Deus!"

O dia seguinte foi o da Primeira Missa Solene:

"O dia da festa: enorme procissão do Hospital até a Matriz,

eu coroado por mamãe, ao som da banda de música. Fiquei muito comovido. Pe. Pacífico foi Diácono, Pe. João Subdiácono e Pe. Santos Presbítero Assistente e Pregador de minha 1ª Missa Solene em Orleans. Falei no fim da Missa. Houve em seguida beija-mão dos parentes. Banquete na Churrascaria do Alexandre. Osvaldo falou e eu agradei. Depois fomos todos à casa do Saul e ficamos lá até a homenagem na Matriz, às 5 horas, homenagem de crianças. Pes. Isidoro e Arcângelo apareceram aqui.

Depois da homenagem fomos todos para casa, de caminhão. Deo Grattias!

A 1ª de fevereiro vai para Itajaí, seu primeiro campo de apostolado. Ali, 20 dias depois, deixa de escrever o Diário, contentando-se com alguma síntese anual referente à sua vida espiritual.

Assim encerra:

"O tempo é tão curto que nem é possível continuar o meu Diário. Mas a Aventura continua sempre: o Amor e a Misericórdia do Senhor não conhecem ocaso nem limite; a minha pobreza é sempre abissal: há tudo para o Encontro. A minha impotência, a incapacidade diante da tarefa são radicais. Não sei no que

É bem verdade que "todo engajamento é fonte de sofrimento"

vai dar! É bem verdade que "todo engajamento é fonte de sofrimento". Eu estou também engajado; por isso sofro. Há muitas tentações a vencer. Custo a crer que sou um "servo inútil". Há o perigo de esquecer que o reino é d'Ele — e Ele é o maior interessado na sua difusão".

SACERDOTE PARA SEMPRE

O ano de 1961 foi para Bratti o das ordenações, todas realizadas com muita simplicidade mas com uma preparação espiritual intensa.

No dia 23 de setembro, na igreja de São Marcelo, pela imposição das mãos do Cardeal Traglia foi ordenado Subdiácono. Suas observações no Diário:

"vinctus Christi", "in simplicitate cordis mei laetus obtuli universon", "suscipe, Sancte Pater", "per Mariam".

A ordenação de Diácono foi na capela do Colégio Leoniano, pela imposição das mãos de Dom Migvani, Bispo Missionário expulso da China. Do seu Diário:

"Na Missa mesmo rezei o Evangelho. Que bom vós sois, Deus meu! Diácono de N. Senhora! Para sempre. Pe. Muller esteve longamente em meu quarto."

Paulo Bratti preparou-se intensamente para sua ordenação sacerdotal, vista como graça e obra do escândalo do amor divino. Recordo-me de sua homilia na Ordenação Sacerdotal do Pe. Sérgio Giacomelli, em Tijucas, a 15 de novembro de 1976:

"O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus. Só o entende quem consegue se aprofundar no mistério do amor do Coração de Deus."

Creio nada melhor ser que acompanhar as páginas que escreveu em seu Diário nos dias antecedentes à Ordenação. Páginas de grande beleza e profundidade, incluindo temas que repetirá constantemente até sua morte, em 1992. Não há nada de edulcoroso e triunfal, mas apenas humildade e sentido do Mistério:

"15-12-1961 — Não fui à aula. Ao meio-dia fui ao quarto

do Pe. Muller fazer uma direção espiritual que foi uma grande graça: o sentido da cruz, da morte cristã — adatar-se ao plano de Deus. Renunciar ao próprio modo de pensar. Que o julgar seja normado pela razão e não pelo afeto impulsivo.

16-12-1961 — 1ª dia de Retiro em preparação para o sacerdócio. Dia de graças escolhidas. O sentimento da "sabedoria": loucura da cruz. Obedecer à ordem objetiva estabelecida por Deus: Hierarquia e Superiores. Desconfiar de si mesmo.

17-12-1961 — Fui Diácono na Missa Solene. Outro dia de luzes intensas: a paz, que dom importante a cultivar e a dar a esse mundo atribulado! Falei bastante com o Pe. Muller.

18-12-1961 — O meu nada! Senti intensamente o gosto de não ter nada, de ser nada, de ser pobre: Deus quer o homem assim: impotente, pobre e mendigo. . .

19-12-1961 — Vou ser padre na base da confiança: não tenho nada. Não armazenei nada. Deus precisa providenciar diariamente pelo meu sustento. Sou como esses mendigos que esbanjam tudo e voltam sempre a pedir. — Foi um dia excepcional hoje: nunca tive uma experiência religiosa tão forte. Depois de sentir com uma profundidade que só o Espírito de Deus podia mostrar, o vazio do meu nada: pobre, de mãos no ar, fui invadido pelo Senhor. Em uma hora de silêncio aprendi mais do que em anos de estudo. O Espírito do Senhor falou-me. Mostrou-me a riqueza de Deus e de minha vocação. Resolveu-me problemas que estavam me agitando há muito tempo sem solução. Vivi momentos do céu no Seio do Pai.

20-12-1961 — Devo viver sempre no Seio do Pai com o Raboni, sem me preocupar comigo. Adorar, louvar, agradecer, amar a Família Trinitária. Eu não conto nada. Sou nada. Saber se estou progredindo ou piorando não interessa. O que interessa é admirar as maravilhas divinas. Também não me interessa saber o que vou fazer.

É o Pai que irá me indicando. O importante é viver no Seio d'Ele: "nostra conversatio in coelis est; quae sursum sunt quaerite, sapite ubi Christus est in dextera Dei sedens, vos estis cidadãos do céu, vita vestra est abscondita cum Christo in Deo". Passei toda a manhã em Deus, possuído, arrebatado sensivelmente pelo Senhor. Parecia estar fora do Planeta. — Depois fiz umas bobagens e foi ao sentido da minha pobreza, do meu nada que voltei. Também sensivelmente. O Senhor fez-me experimentar todo o gosto e toda a profundidade do meu vazio. — Pe. Marcelo falou-nos à tarde sobre o Sacerdócio — Mistério de Fé, de Graça e de Silêncio.

Eu senti a Deus: Ele entrou em mim e me conduziu para onde quis

21-12-1961 — De novo uma manhã inesquecível. O Espírito falou-me de uma maneira estupenda e nunca sonhada sobre o Sacerdócio. Um verdadeiro milagre. Sem saber como, comecei a escrever e as idéias, luminosas, divinas, me vinham à mente e à pena ininterruptamente. Quando fui para o Exame de Consciência estava tão possuído pelo Espírito que tinha a clara impressão de estar acima da terra. Assinalo tudo isso não para envaidecer-me, porque há aqui um grande mistério do Amor de Deus e nada mais. O Espírito fez-me perceber, sentir palpavelmente toda a profundidade deste versículo do Salmo 112: "e stercore erigit pauperem ut collocet eum cum principibus". Nesse verso se resume tudo: o absurdo da Eleição minha para o Sacerdócio (absurdo do amor divino) e a profundidade do meu nada. — Escrevo tudo isso porque a condescendência divina comigo nesses

dias é qualquer coisa de inefável. Eu senti a Deus: Ele entrou em mim e me conduziu para onde quis. Eu nunca poderei duvidar de minha vocação. Nunca poderei duvidar do Amor de Deus. Nunca poderei duvidar do meu nada. — P. Reitor falou-nos à tarde sobre a Eucaristia. À noite escutamos a mensagem de Natal do Papa. Belíssima mensagem.”

Seu Retiro de preparação para a Ordenação foi de 16 a 21 de dezembro. Dias de profunda reflexão e descoberta interior. Chama atenção o gosto de Paulo Bratti de falar dos próprios defeitos.

Fazia-o de propósito, pois tinha a convicção plena de que seu defeito dominante era a vaidade, como deixou escrito nas conclusões de seu Retiro Inaciano (Triuggio, 21 de agosto a 17 de setembro de 1960):

Defeito dominante: *vaidade, vanglória. Não diante de Deus, mas diante dos outros e muitas vezes diante de mim mesmo (com a fantasia). Manifestações: creio ser uma figura muito simpática, de dotes incomuns, superior e excepcional, enfim. Agradam-me os elogios, a estima dos outros. Sinto ao ser preterido. Fico envergonhado com os fiascos. Olho os outros com ar de superioridade e de crítica.*

“Vou ser um Padre pobre. Não tenho nada! Sou obra da misericórdia de Deus, em estado puro

Segue-se então o caminho para vencer-se:

Propósito: *Humilhações e mortificações: eis o que me falta. Pensar em Jesus.*

a) — *Aceitar com amor as humilhações que o senhor me mandar.*

b) — *Impor-me mortificações voluntárias, especialmente da língua, pois “a pedra de toque da verdadeira humildade é não sentir o desejo de criticar os outros” (Courtois). Não criticar, portanto, os Superiores e colegas! (= humildade, obediência, caridade). Sanção: Cada vez que faltar deliberadamente e gravemente a esse propósito, privar-me do vinho em uma refeição.*

Tudo isto: para servir às almas! Servir!

NB! — *Eu não tenho nem força, nem coragem para cumprir tudo isso. Sou absolutamente incapaz. Mas JESUS sabe disso e me ajudará, ou melhor: fará por mim. N. Sr. é Mãe e está interessada no caso.*

Ela não me deixará só. Amém.

Voltando ao Retiro de Ordenação: Paulo Bratti elaborou uma história de sua vocação, onde não falta a automortificação pessoal, o sentimento da incapacidade de assumir o Sacerdócio. Nestas horas valeu-lhe decisivamente a santidade e a sabedoria pacientes de seu Diretor Espiritual, Pe. Oscar Muller. A linguagem dessa “História” é atípica em comparação a seu modo elegante de escrever.

“Vou ser um Padre pobre. Não tenho nada! Sou obra da misericórdia de Deus, em estado puro. O meu caso é o de um empregado vagabundo, desordeiro, esbanjador, que não guardou nada do muito que ganhou. O que ganhava gastava, esbanjava. Não poupou, não economizou. Mais: disputou o domínio do patrão. Esse lhe dava conselhos, lhe falava longamente (mês inaciano!), mas depois que ia embora, tudo voltava à vaca fria: eu achava que o Patrão se enganara!

De um momento para o outro o Patrão me chamou. Em vez de me dar uma sova e despachar-me, me disse que queria fazer-me intendente de Sua Casa, dispenseiro de Seus segredos e deu-me as chaves de Suas riquezas! Quem pode entender isso? — Eu respondi, chorando, que não entendia nada. . . logo eu, num cargo de tanta responsabilidade!

Fiz-lhe ver que me conhecia muito o que eu era: esbanjador, volúvel, malandro, revoltado. Não tinha veste nem “cara” para o ofício. Não guardei nada do que ganhara, estava na pindaíba: pobre, pobre de mãos abanando. . . Meu Deus me disse que não fazia mal; Ele me queria assim mesmo: pobre, mendigo, sem nada. Eu me atirei em seus braços, pedi mil desculpas pelas bobagens que fizera. Eu estava à sua disposição; enfim de contas era um homem sem préstimos. Quanto a nomear-me Seu intendente, fiz ver a Ele a situação em que me encontrava: sem nada, de mãos no ar. Aceito, está claro, mas Ele que dê tudo, absolutamente tudo. Mais: Ele que pense no futuro. Ele sabe como estou viciado na desordem, na malandragem, na revolta. Eu não posso oferecer nenhuma garantia de não voltar atrás. Não prometo nada. Claro, eu prefiro morrer em Casa a voltar a fazer bobagens. Mas eu sou safado-macaco velho. . . Só peço uma coisa: ficar sempre guardado no Seio do Pai, com Jesus, cheio de Amor! E que volte sempre a esse Seio inefável, tão bom, tão gostoso, tão celestial: in sinu Patris. Sob o Seu olhar. Abraçado a Ele. Escondidinho, quietinho. Chorando de amor, de reconhecimento, de confusão. Não prometendo nada, pedindo tudo: o pão de cada dia, de cada hora.

Eu sou pobre. Não tenho nada. Não guardei nada. Dependo de meu Deus. Em tudo!

Como é bom, como é gostoso ser pobre assim!”

Mas, o Sacerdócio é também compromisso com os homens e sua vida:

“A minha vida de Ministro vai decorrer na planície, entre os homens. Para isso fui escolhido: para ser testemunha, sacramento de Cristo. Minha vida na planície não poderá ser diferente da vida do Sumo Sacerdote. Simples como a Sua. Trabalhosa como a Sua. Sacrificada como a Sua. Com os dois grandes amores de Sua vida: amor obediente ao Pai e amor louco pelos homens. Como Ele, preciso subir continuamente à Montanha: minha morada é o Seio do Pai. Minha família é a Família Trinitária. Mas isso “in fide et spe”. Sobe-se à Montanha pela oração que é “elevatio mentis ad Deum”. Escuta-se o Senhor na Leitura (Lectio Divina). Mas minha vida é ainda a da planície. Virão horas de trevas, de escuridão. O “inimicus homo” que foi expulso da Montanha disputa na planície.

Cristo já venceu, mas permite a presença do inimigo vencido

Cristo e Satã são os protagonistas da batalha. Cristo já venceu, mas permite a presença do inimigo vencido. Ele trabalha como “leo rugiens quaerens quem devoret”. Tenta o padre, sobretudo. Os homens da planície também têm o coração inclinado para o mal. O Padre está, portanto, cercado de perigos. Mas, confiança: Jesus venceu o mundo! No meu caso já foi visto que não há nada a fazer: entregar-se e amar! MISERICORDIAS DOMINI IN AETERNUM CANTABO.”

E seu Diário relata os momentos tão solenes e sagrados da Ordenação presbiteral:

“22-12-1961 — Assisti à Missa na 1ª hora e saí com o Helmuth. Fui à pensão onde está hospedada a Gertrud e conversei uma

hora e meia com ela. O resto do dia fiquei em casa rezando e providenciando os últimos preparativos: vigília de meu Sacerdócio! Paraliturgia.

23-12-1961 — Enfim o grande dia. Amanheceu chuvoso. Fui no carro com o Irmão Vogel, Domingos e Stroehner rumo ao Colégio Sacro Cuore, Via Casale S. Pio V, 20: era lá o local das Ordenações. Belíssima Capela, muito própria para Ordenações. Éramos 11 os que íamos ser ordenados: Bohn, Oliveira, Beltrami, Grings, Holien, eu e 5 Religiosos, dos quais 4 brasileiros: 2 da Sagrada Família e 2 do Sacro Cuore. Bispo Oficiante: Mons. Ettore Cunial, Vice-Gerente da Diocese de Roma. Excelente oficiante. A cerimônia começou pelas 7,30. Um pouco depois das 9 chegou a vez dos Presbíteros. A imposição das mãos foi maravilhosa e me comoveu até as lágrimas. Primeiramente D. Cunial impôs suas mãos demorada e fortemente. Depois mais de 50 sacerdotes impuseram as mãos. Pe. Muller foi meu Presbítero-Assistente. No fim D. Cunial veio beijar-nos as mãos e fazer-se fotografar conosco. . . Às 4,30 homenagem aos neo-sacerdotes no salão. Em seguida Bênção com o SSmo. e Te Deum de ação de graças. Tive a felicidade de officiar o Te Deum. Era que eu mais devia! Pelas 9 horas Gertrud partiu no carro do Vittorio: vai passar o Natal em Innsbruck. Senti o triplice mistério do Sacerdócio: mistério de graça, mistério de fé e mistério de silêncio. Como Deus é bom!

Numa página inteira escreveu em letras maiúsculas:

23 — XII — 1961

PADRE PAULO BRATTI,

por um insondável
Mistério do amor
Misericordioso de Deus,
foi ordenado para sempre!
Em Roma.

E no mesmo dia Pe. Paulo redige seu propósito sacerdotal, num bilhete avulso, batido à máquina, com muita ordem. Quem o conheceu de perto pode atestar que muitas vezes repetia estas mesmas frases, quase um refrão:

"Roma, 23.XII.1961.

"Dominus eligit e pulvere egenum + et pauperem e stercore attolit, ut det ei sedem inter principes + et solium gloriae tribuat ei" (1 Reg. II, 1-10).

Eu fui hoje, portanto, erigido do pó e do esterco para ser dispensário dos Mistérios de Deus. Essa elevação é mistério "stricto dictum": totalmente incompreensível. Gratuitíssima.

Deus me erigiu, mas quer que eu permaneça o que sou: pó e esterco. É Ele que vai cumprir e realizar a obra. Eu sou joquete nas mãos d'Ele. A investidura no Sacerdócio foi com a condição que eu fique no meu nada e no meu pó: pobre e pequeno.

Como vou viver na pobreza e no pó? — Fazendo bobagens, dizendo besteiras, estragando tudo. É só disso que sou capaz. E isso farei sempre ("o justo peca 7 vezes por dia"). Nesta vida nunca sairei do pó. Nunca passarei à calçada. É do pó para a cova.

E o bem a fazer? — É Deus que faz; é seu Espírito em mim que agirá da maneira que lhe aprouver e que eu desconheço (sou Ministro, mas plebeu-ignorante).

ass.: Pe. Paulo Bratti

No dia seguinte, 24 de dezembro, a Primeira Missa, na Basílica de São Paulo extra-muros, no altar do túmulo do grande Apóstolo, cuja pessoa e doutrina tanto amava.

Seu Diário traz pouquíssimas observações sobre este momento. Apenas estas observações:

"A Missa foi belíssima. Procissão da Sacristia, procissão de Ofertório, Mementos. . . Comovi-me bastante na primeira parte"

Pe. Paulo, no decorrer de sua vida sacerdotal não dava a impressão de ser um homem dos Sacramentos. Não se preocupava em infundir uma piedade eucarística nos seus formandos. Era

Sua espiritualidade era centrada na conversão à misericórdia de Deus e na aceitação da graça

fundamentalmente um homem da Palavra. Sua espiritualidade — que ele buscava passar aos seminaristas — era centrada na conversão à misericórdia de Deus e na aceitação da graça. O pecador não muda através da prática sacramental, mas na descoberta de Javé que nos faz sentir pó e cinza e nos eleva a Si.

Outro ponto digno de nota: Pe. Paulo ao longo de seus estudos em Roma, realizando sua preparação imediata para o Sacerdócio, não o encarou como *sacerdócio-para-o-trabalho*, mas sim *sacerdócio-para-a-consagração* a Javé, nos moldes dos profetas vetero-testamentários que vão para o deserto e de lá retornam com a face transfigurada. No seu trabalho de formador criticava muito a visão de uma Igreja feita para a ação, de padres fazedores de coisas:

"quem não for possuído pelo Senhor não será capaz de transformar o mundo".

Igualmente seu temperamento não tinha sido feito para a ação contínua, o trabalho intenso, que não desse lugar à contemplação, ao "ócio fecundo". Entrava em verdadeira pane quando necessitava de se jogar no trabalho dispersivo, chegando a profundas crises nesses momentos. Felizmente foi compreendido neste seu desejo de ter trabalho e paz, às vezes confundido com preguiça. Seu diário mostra claramente que, mesmo estudante, após intensa atividade, se sentia inútil e perdido. Chegou a desejar entrar para um Mosteiro Trapista, ainda em Roma.

O que absolutamente não significa que encarava o trabalho pastoral como perda de tempo. Tinha consciência muito clara da necessidade da ação, da organização e do planejamento pastoral para a encarnação do Evangelho nas realidades terrestres. A obra de Gustave Thils, "Teologia das Realidades Terrestres", o entusiasmava. O que o preocupava era uma ação pela ação, geradora de dispersões e do conseqüente esvaziamento interior dos sacerdotes e líderes cristãos. Ser místico primeiro, para depois ser homem de ação.

PROFESSOR E FORMADOR

No Seminário de Azambuja os alunos receberam com muita satisfação o nome do Pe. Paulo Bratti para seu Diretor Espiritual. Era tido como padre moderno, que iria inovar esta instituição tão séria e prestigiosa, mas de certo modo ainda não vivendo a nova espiritualidade oferecida pelo Concílio. Quando os filósofos e teólogos de Curitiba vinham visitar o Seminário falavam de tantas novidades, que ficava difícil não desejar experimentá-las. . . Era 1967.

Pe. Paulo foi bem recebido por nós. Como professor de religião explicava entusiasmadamente os textos do Concílio, coisa que Pe. Luiz Bertotti já viera fazendo no ano anterior. Como

Diretor Espiritual impressionava pela compreensão dos problemas de adolescentes e jovens, procurando tirar de nós os medos e bloqueios. E, façanha revolucionária, transformou tanto a Congregação Mariana, instituição tão venerável na história do Seminário, que ela desapareceu sem ser percebido! Dividiu-nos em grupos de reflexão para nos revisarmos no método da Ação Católica, Ver-Julgar-Agir. O terço onipresente foi substituído pela leitura e reflexão bíblica. Pe. Bratti não era o que se poderia chamar de "mariano" tradicional. Estimulava a confissão-conversão, e não a devocional.

Foi famosa sua campanha para que fôssemos mais "modernos" e passássemos também a usar desodorantes, uma verdadeira revolução nos costumes. Nos motivava dizendo que deveríamos transpirar "o bom odor de Cristo" e não o mau odor da sujeira. . .

Infelizmente sua permanência foi de apenas um ano. Seu desejo mesmo era lecionar Teologia, e em 1968 foi para o PAULINUM (Curitiba), para ser formador e professor. Neste trabalho realizou-se plenamente. Não foi fácil o ministério: a Teologia estava vivendo uma profunda adaptação ao Concílio, dele extraindo os frutos. E a formação sacerdotal vivia a crise da "identidade sacerdotal": qual era a imagem do presbítero para o mundo de hoje?, era a pergunta que mais se fazia.

Buscavam-se e experimentavam-se caminhos. De tanto insistir na especificidade e na imagem do presbítero, Pe. Paulo passou a ser chamado carinhosa ou ironicamente de "o presbítero". Conseguiu avançar sem negar o passado, experimentar sem renegar a tradição da Igreja. Podia ser confundido com um conservador-renovador, ou com um renovador-conservador. A imagem que ele preferia era a da fidelidade à Tradição: buscar novas respostas para o mundo, sem aventureirismos de sucesso e aplauso. Buscar a fidelidade, não a facilidade, repetia.

Em Curitiba, muito auxiliou o Episcopado na renovação das estruturas e no planejamento pastoral. Foi muito querido pelos Bispos do Paraná por sua inteligência e pregação, ao mesmo tempo aberta e fiel à Igreja.

"Um pecador escandalosamente amado por Deus"

Nem todos apreciavam sua maneira de ser e suas convicções. Uma verdade era, porém, inquestionável: sua bondade, desapego e capacidade de perdoar sempre. Seu dinheiro não era seu. Empréstava-o à vontade fazendo questão de não tê-lo de volta. Ajudava a todos, com mais alegria ainda a quem o ofendia e desconsiderava.

Podia dar a impressão de um bom burguês: vestia-se bem e gostava de uma boa alimentação. Mas caía-se num equívoco. No momento de sua morte tinha apenas duas camisas em seu guarda-roupa. Passava tudo adiante. O único bem material de que dispunha tinha sido adquirido no ano anterior: um Fusquinha. Impressionante como sabia perdoar e não guardar mágoas. Durante seu sacerdócio espalharam-se calúnias ignominiosas a seu respeito. Não perdeu a paz interior nem guardou o mínimo ressentimento. enxergava a realidade como uma provação de Deus e um recurso para que fosse mais humilde e se enxergasse como realmente era: pó e cinza, "um pecador escandalosamente amado por Deus". Chegou a ser muito criticado exatamente por valorizar mais aqueles que eram críticos de seu trabalho, os semi-

naristas que se opunham ao enfoque mais tradicional da Teologia, optando por uma Teologia mais engajada. Isso tanto em Curitiba como em Florianópolis.

Em 1973 vem para Florianópolis fundar e implantar o Instituto Teológico de Santa Catarina, sendo seu primeiro Diretor e Reitor do Seminário. Na pequena casa do Convívio Emaús, à Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 600, Pantanal, tinha início a primeira Faculdade de Teologia de Santa Catarina. Pe. Paulo foi sua alma até a morte, nove anos depois. Enfrentou com otimismo todas as dificuldades inerentes a uma época de rápidas transformações. Resistiu o quanto pôde a inovações teológicas fáceis, de nome, mas ainda não comprovadas. Certamente ele não foi nem era homem entusiasmado por experiências ou teologias das quais não estivesse pessoalmente convencido. A Teologia da Libertação era recebida com muita expectativa e como solução para a Igreja num mundo de pobres. Pe. Bratti não tinha dúvidas de que a Igreja deveria optar pelos pobres, mas não pelo caminho da práxis política ou da ideologia. Tinha verdadeiro horror ao marxismo, pelo clima de opressão vivido nos países onde fora aplicado na forma do socialismo comunista. O homem tem direito ao pão, mas também tem direito à liberdade. Aceitava os pressupostos teológicos da Teologia da Libertação, mas não o método de análise marxista utilizado por alguns autores. Seu artigo mais elaborado foi um brado pessoal de quem sentia — não sabemos se com razão — que a Teologia no Brasil se afastava do fundamental do Cristianismo, a justificação pela fé e não apenas pelas obras: "*Praxis política y Justificación por la Fé*", publicado pela Revista internacional MEDELLIN (Vol. 3, n° 12, dezembro de 1977). Elaborou-o após muito estudo e reflexão, buscando realçar o aspecto fundamental da fé cristã, onde a salvação se dá pela fé e não pelas obras. Pe. Bratti foi um paulinista convicto e admirava a teologia de Lutero e Barth sobre a Justificação.

Por outro lado tinha verdadeira aversão ao conservadorismo obtuso. Não tolerava alguém estar repisando teclas já gastas, ou com medo do novo.

"Alguns conservadores preferem absolutizar o relativo e relativizar o absoluto".

A mesma aversão nutria para com os teólogos que ele denominava "cerebrais", aí incluindo quase todos os alemães. Seus teólogos preferidos eram os franceses.

Aliás, isso era uma característica sua: a admiração pela francesidade. Em sua escrivaninha sempre estava aberto o último número da DOCUMENTATION CATHOLIQUE, onde buscava as novidades da vida da Igreja. Lia também todos os números de ETUDES e ESPRIT ET VIE. Especialmente deixava-se fascinar pelos pronunciamentos das figuras de proa do episcopado francês: Decourtray, Martin, Etchegaray, Renard, Duval, Boillon, Duchêne etc. e o Card. Suenens, de Mallines-Bruxelas. Seus teólogos preferidos: De Lubac, Congar, Danielou, do qual quase memorizou o Diário "Et qui est mon prochain?", especialmente pela sua capacidade de unir uma intensa mística com um profundo amor ao próximo. Estima sem limites pelos pronunciamentos de Paulo VI, "*que falava com a elegância de um francês*".

As alocações de João Paulo II não lhe eram muito apreciadas, pois "*eram tão complexas como raciocínio de um "tedesco" (alemão)...*"

Numa palavra, cerebrais. Pe. Paulo gostava de idéias profundas, mas numa roupagem clara e elegante!

No ITESC Pe. Paulo viveu estes momentos belos e difíceis, nunca perdendo a tranquilidade interior, mas também não cedendo naquilo que estava diretamente ligado à fidelidade eclesial. Sabia das oposições que cultivava nesta sua firmeza, da impressão que se espalhava de ser um conservador no meio das elites pastorais. Ao mesmo tempo em que via sua vaidade pessoal atingida, firmava-se na defesa de suas convicções, através das quais se mostrava um homem de Igreja.

Espírito diplomático por excelência, sabia manobrar sutil-

mente, cedendo em pontos marginais, para garantir o essencial. Típico de sua diplomacia, especialmente na vida comunitária, era lançar uma idéia no seu objetivo máximo, já prevendo que a reação seria grande e conseguiria ao menos alcançar a média desejada. Ou ainda, lançar uma idéia, retirá-la diante da reação e depois, dia após dia batendo na mesma tecla, após certo tempo conseguir que fosse adotada.

Aceitava ser objeto de gracejos, às vezes mordazes. Não tratava como desafetos aqueles que sistematicamente se opunham às suas iniciativas. Perdoava e compreendia. Ao mesmo tempo, tinha plena consciência de que os tempos eram complexos, favorecendo o aventureirismo. Então, alguém tinha de marchar contra a corrente dos modismos.

Tanto em Curitiba como em Florianópolis não foi o que se poderia chamar de Professor brilhante, aclamado pelos alunos. Seu prestígio residiu na segurança teológica, respeitada mesmo por aqueles que dele discordavam. Pe. Paulo tinha segurança no falar.

Foi mais apreciado pelos leigos, através das Conferências, Palestras ou Retiros.

Nos seus últimos meses de vida estava em paz, contente pelo que pudera fazer. Tinha sido substituído no ofício de Reitor, convencido que estava de não ser capaz de trabalhar psicologicamente certas questões. Aliás, valorizava a Psicologia, mas não a achava útil para si mesmo. Criticava muito um certo tipo de "psicologismo" que planejava resolver os problemas do espírito com terapias psicológicas. Preferia se abrigar à sombra da graça de Deus, que melhor saberia converter os corações. Conhecia a necessidade das mediações humanas, mas não conseguia mais vê-las como úteis para o trabalho com as pessoas. Para si mesmo as julgava inúteis. Esse foi, aliás, um dos empecilhos na sua missão de formador.

Sentia necessidade vital da solidão, a que ele dava o nome de "solidão povoada"

Pela sua constituição psíquica e espiritual, Pe. Bratti não era dado ao trabalho pastoral direto com as multidões, enquanto trabalho contínuo. Sentia necessidade vital da solidão, a que ele dava o nome de "solidão povoada". Mas tinha visão clara de como poderia ser o trabalho. Neste ponto era ótimo conselheiro. Também apreciava muito dar opiniões sobre a vida arquidiocesana, especialmente sugerindo transferências de padres. Dedicava-se até ao lazer de elaborar listas de transferências. . . Certa vez Dom Afonso, numa santa irritação, ofereceu-lhe a cadeira episcopal, pois "estava querendo transferir Bispos e Padres". Humilhado, depois Bratti comentava com suas expressões características quando algo o desagradava: "*que tristezinha!*" "*coisa feia!*". Também tinha bons dotes de administrador, aos menos no campo das sugestões. Mas, por opção, confiava as tarefas aos outros. Devotava horror especial aos trabalhos manuais, talvez por causa de alguma indisposição física. Afinal, sua morte aos 46 anos incompletos deve ter sido preparada por alguma deficiência que ele tenha escondido. Para ilustrar: se estava viajando e precisava trocar um pneu, colocava-se à beira da estrada até que passasse alguém. Quando alguma alma caridosa parava, dava a impressão do que nunca tinha visto como se trocava pneu e ficava lamentando, "*que tristezinha!*", até que a pessoa fizesse o trabalho, pelo qual ganharia uma ótima gorjeta. . .

Concluindo, pode-se dizer que Pe. Paulo foi uma figura humanamente original. A gente podia estar em desacordo com ele, mas não era possível agredi-lo, pois seu olhar transmitia sempre paz e compreensão.

SOLIDÃO ASSUMIDA

A partir de 1970, Pe. Paulo Bratti enfrentará um problema que vai marcar até sua morte o seu relacionamento com a Teologia e certos ambientes pastorais.

Começa a ser assumido no Regional Sul IV da CNBB, recém-instalado, o Treinamento de Criatividade Comunitária. Este método de dividir a organização do trabalho e da vida em 14 sistemas foi adaptado por J. Waldemar de Gregori e aqui adotado com todo o entusiasmo possível. Seminários, Congregações religiosas, Paróquias, passam a assumi-lo em sua organização comunitária, o que não deixou de ser positivo. O problema surgiu no momento em que virou verdadeira ideologia, especialmente nos sistemas Religioso e de Lealdade. O Regional Sul IV aceita-o como metodologia para sua organização pastoral. De Gregori passa a ser o mentor de toda a Pastoral do Estado.

Uma luta entre a confiança em si próprio e a entrega total nas mãos de Deus

Pe. Bratti percebeu o perigo da ideologização do sistema Religioso que praticamente reduzia a fé à exteriorização das energias humanas. O próprio Deus era reduzido à energia da pessoa, uma espécie de Sinergismo ou, pior ainda, de Panteísmo, que destruía a transcendência. Numa reunião do Regional, em Florianópolis, Pe. Paulo foi ostensivamente desprezado quando enfrentou De Gregori dizendo abertamente: "Professor, seu Deus não é o Deus de Abraão que se revelou em Jesus Cristo; com suas idéias o sr. está destruindo a Revelação cristã para englobá-la na capacidade intelectual humana. Deus está acima do homem e não se reduz ao homem". Pouco depois publicou na SEDOC, juntamente com Pe. João Mezzomo, uma análise crítica da "Criatividade comunitária", do ponto de vista da Teologia, da Filosofia e da Psicologia (cf. SEDOC ano 6, 1973, agosto, col. 213-220, especialmente, de sua lavra, 213-216). Os Episcopados do Paraná e do Rio Grande do Sul proibiram o método em suas igrejas. Aqui prosseguiu ainda, por alguns anos.

Quando dos preparativos para a fundação do Instituto Teológico de Santa Catarina (1972), quis-se que o currículo teológico fosse baseado nos 14 sistemas, que deveriam servir de critério para cada disciplina teológica. Evidentemente Pe. Paulo opôs-se à idéia e, tendo sido nomeado Diretor do Instituto, organizou o currículo segundo as normas da Igreja universal para a formação teológica. Em conseqüência, o Instituto foi então marginalizado e até hostilizado no contexto do Regional, passando-se aos seminaristas a versão de que o ITESC, não adotando o método da C.C., não se adaptava aos novos tempos. . .

A história encarregou-se de mostrar a verdade das coisas, pelo fato de que a "Criatividade" logo passou, mas Pe. Paulo saiu muito machucado por esta oposição conscientemente assumida, que o marginalizou de certos ambientes eclesiais catarienses.

O DESEJO DA CONTEMPLAÇÃO

Pe. Paulo teve a graça de contar com um experiente e sábio Diretor Espiritual no Pio Brasileiro, na pessoa do Pe. Oscar Muller: Quase semanalmente o procurava para resolver suas an-

gústias. Seus Diários deixam claro que ele, desde a chegada em Roma, queria se aventurar no mundo espiritual. Uma luta entre a confiança em si próprio e a entrega total nas mãos de Deus. Quem não descobriu este seu lado, não poderá entender suas palavras e atitudes até o momento da morte. A primeira observação foi escrita no dia 29 de janeiro de 1959:

"Fui ao quarto do Pe. Muller. Contentar-me com o que sou. Não pretendo ser outro. Como sou, dedicar-me inteiramente ao Senhor".

A 21 de fevereiro: *"... a reta ordem de nossas ações. Não procurar o prazer dos atos mas o serviço de Deus, que o prazer virá por acréscimo, profundo, duradouro... Espírito de sacrifício, que é duro no começo".*

A 9 de abril: *"A tarde estive com o Pe. Muller. Como sempre, me abriu os horizontes: 'a santidade não consiste em não pecar, mas em pecar e voltar'. Os sentimentos nos enganam. Viver no mundo da fé e não no dos sentimentos. Meu ideal de recolhimento não deve ser igual ao dos outros!"*

A 31 de dezembro, após a revisão do ano, esta observação que será depois repetida por toda a vida:

"Assim passou mais um ano. 1959 não se escreve mais. Quantas graças, meu Deus, neste ano! E que ingrato fui eu! A melhor definição de mim é mesmo esta: alguém que muito recebeu, a quem muito foi perdoado mas que ama pouco!..."

Com apenas 23 anos inicia o caminho de superação de si mesmo, em busca da comunhão total com Deus. Um caminho doloroso, mas contínuo, inicialmente sob a guia sábia do Diretor Espiritual e depois conduzido pela leitura de São João da Cruz, de Santa Tereza, Pe. Penido e, especialmente, Thomas Merton.

Tinha necessidade vital de se recolher e buscar o silêncio e a solidão

Passo decisivo acontecerá com a "Experiência religiosa" que lhe foi dada no Retiro de preparação para o Presbiterato, a 18 de dezembro de 1961, já transcrita anteriormente:

"Vivi momentos de céu no Seio do Pai", repetirá muitas vezes, tanto no Diário, como em algumas correspondências. Escreverá a Dom Afonso a 15 de agosto de 1973:

"Essa intervenção divina, toda sobrenatural e inteiramente imerecida, foi para mim um novo nascimento e o início de uma aventura espiritual que jamais terminará. Tomei consciência de que o Senhor me ama com amor de predileção, realizando comigo o 'escândalo da segregação', que é uma constante na Escritura. Percebi, outrossim, que minha vocação na Igreja era a de ser um monumento do Amor e da Misericórdia do Senhor..."

Pode-se dizer que até a morte Bratti esteve marcado por essa "Experiência" e ansiosamente buscava realizá-la novamente. Suas atitudes e opções tinham-na como referencial. Na Fenomenologia Religiosa é freqüente e quase necessário que as personalidades fundantes de movimentos religiosos tenham tido o impulso inicial após esse Encontro com o "Numinoso", o "Fascinante". Determinadas Experiências como a de Moisés na Sarça Ardente e Paulo a caminho de Damasco trouxeram uma mudança radical de vida e se prolongaram na formação de discípulos. É também normal que um fato extraordinário, às vezes até conseqüência de uma fraqueza humana, dê um impulso à espiritualidade individual.

É evidente que a constituição biopsíquica interfere no processo. Afinal, a Experiência dá-se num ser humano, numa situação vital determinada. Pode-se deduzir através de alguns escritos

que o temperamento de Pe. Paulo era introvertido, sensível, impressionável. Um temperamento afeito ao esgotamento, ao stress. Nessas horas de esgotamento ficava totalmente arrasado, beirando a pane. Passou por esses momentos em 1966, quando estava em Itajaí, em 1968 e 1970 em Curitiba, e no ITESC em 1973 e 1981. Nesses dias, que sempre coincidiram com momentos de grande atividade ou preocupação, tinha necessidade vital de se recolher e buscar o silêncio e a solidão. A oração intensa lhe trazia a paz. Por temperamento Pe. Paulo não podia aceitar serviços que demandassem reuniões contínuas e tensas, compromisso com a ação imediata. Por vaidade pessoal escondia esta limitação e chegava a ser tido por preguiçoso.

Nessas horas em que humanamente mais se sentia arrasado, tinha as mais sublimes intuições espirituais. Sofria terrivelmente a ausência dos "consolos" do Senhor que tivera em 1961: era o deserto, a Noite escura. Creio que para os leitores amigos o melhor que posso fazer é transcrever alguns excertos desses momentos.

MORRO DAS PEDRAS — 16 a 20/12/63

— RETIRO PARTICULAR

"Três dias de grande sofrimento íntimo. É o segundo aniversário do Retiro de Ordenação, mas o Senhor desta vez se mantém distante e calado terrivelmente. Vivi de saudades daquela sua visita do Advento de 1961 em Roma. Aquela sua irrupção súbita dentro de mim que me fez ficar olhando uma hora inteira para a parede do meu quarto, sentindo, apalpando a minha pobreza. Recordei aquela misteriosa vibração de minha alma enquanto recitava o Breviário. Eu era outro. E aquele momento no quarto do Pe. Muller em que tive que me segurar na cadeira, enquanto ele falava, para não pular, pois uma misteriosa Força exultava dentro de mim! "dilexit me". Me amou, me dominou, se apoderou de mim. Fez de mim o que bem quis. Me levou até o céu. Ah! que experiência, meu Deus! Hoje vivo de saudades. Foi um fato único em minha vida. Irreversível. Não volta mais".

RETIRO ESPIRITUAL DE 1964

"Passou mais um ano e eu me sinto cada vez mais de mãos vazias. O Advento de 1961, aquela visita misteriosa e inebriante que o Senhor me fez, é um fato irrepetível. Hoje me vejo terrivelmente só, "pauper et unicus sum ego". Não posso dizer que o Senhor se retirou, mas sua presença não é mais sensível, embriagadora. Não me sinto mais tomado, possuído, dominado, invadido por Ele. Penso que me "naturalizei" demais. A contemplação se tornou mais difícil. Os diálogos, os encontros com o Senhor, que outrora eram minhas delícias, me causam hoje uma certa dificuldade. Estou "impressionado" por mil preocupações e coisas que me endurecem. "In terra jacet venter meus". Perdi o sabor dos mistérios de Deus. Já não sou um homem bíblico. Como acabará, então, a Aventura? Terá sido só um episódio? Só me resta confiar e esperar: "Dominus pascit me..."

RETIRO DO CLERO — JULHO DE 1965

— MORRO DAS PEDRAS

"Logo de início dissipou-se um equívoco que tanto me atrapalhou. É que eu vivia preocupado por não ser mais o que era quando o Senhor se apoderou de mim. Ora, isso não deve ser preocupação minha. Naqueles dias — naqueles meses — não era eu quem agia, era o Senhor que agia em mim. Eu era só passivo-receptivo. Nada daquilo dependia de mim. Era uma graça "gratissime data". O Senhor se apoderou de mim quando Ele quis, não que eu fizesse algo para merecer essa visita. Portanto, eu não devo ter saudades das cebolas do Egito..."

Penso, porém, que o Senhor quis com isso me purificar de uma certa vaidadezinha.

O Senhor me amou, derrubou-me, prostrou-me, apoderou-se de mim

... Hoje, a situação está bem mudada: a Presença do Senhor deixou de ser tão sensível, tão embriagadora. Eu deixei de ser só passivo. Fiquei mais entregue a mim mesmo e então veio à tona o meu verdadeiro eu: miserável, pobre e pecador. Como o Senhor não me segura mais como antes, o resultado é fatal: pecados, faltas, misérias e misérias.

Pertencço ao time dos fracos. Dos doentes. Meus inimigos são pensamentos e sentimentos tolos, "altiores me ipso", que me enervam e roubam a paz. Estar atento com eles! Mas saber que são um atestado de minha pobreza — por isso me impressionam e me dominam.

Esse Retiro me deu uma grande dose de realismo. É preciso procurar o Deus das consolações e não as consolações de Deus. Aceitar-se como se é. Aceitar o próprio pecado como manifestação de uma pobreza radical".

RETIRO PARTICULAR — 11 A 15 DE ABRIL DE 1966
— MORRO DAS PEDRAS

"Logo no primeiro dia apareceu o meu problema:

1) O Senhor me amou, derrubou-me, prostrou-me, apoderou-se de mim. Fez-me gozar de uma experiência inefável. Como Saulo — eu tive um encontro tremendo com o Senhor. Ele me converteu. Deu-me um coração novo. — Esse é um dado fundamental em minha vida.

2) Durante mais de 1 ano e meio vivi sob o influxo dessa irrupção divina em minha vida. Vivi com uma alma de pobre, irradiando o Mistério.

3) De uns 2 anos para cá, porém, a situação piorou. Fui me afastando do Senhor. Tornei-me escravo de minhas paixões. Escravo da sensualidade: tornei-me um homem perigoso. Escravo da curiosidade: tornei-me um novidadeiro. Escravo da presunção: tornei-me um sonhador quimérico. Julgo-me o "tal". Eis a tríplice concupiscência em mim: dos olhos, da carne e soberba de vida.

É preciso sair do quietismo, do angelismo, do romantismo espiritual, do "integrismo moral", do sentimentalismo saudosista. Não ficar esperando milagres e intervenções divinas extraordinárias a toda hora. Sair, portanto, do narcisismo interior, do individualismo — para me dar mais, como a Igreja do Vaticano II que saiu de si para se abrir ao mundo.

Entrar na fase adulta da objetividade, da doutrina da Igreja que ensina a necessidade de colaborar com a Graça. Acreditar mais na natureza e na ação do homem que não está totalmente corrompido. "Operai a vossa salvação com tremor: "Me oportet operari".

A paz é sempre a "tranquilidade da ordem" — mas basta que esteja "in fundo animae" — não é necessário que seja sensível, experimental. Renunciar, pois, ao sensibillismo e ser sempre fiel ao Senhor, mesmo na aridez e na noite escura. "Meu justo vive da fé".

Estou mais pobre que nunca!

"Eu sou um esposo de sangue".

"Eis que vamos a Jerusalém. . ."

"O Senhor quer se unir em matrimônio comigo. É aquele seu amor que me persegue há tanto tempo. Mas é um Amor que tem exigências terríveis: requer nada mais, nada menos que a morte da pessoa escolhida e amada. "Ninguém pode ver a Deus sem morrer". O amor divino é um fogo devorador que queima e consome tudo, nada deixando ao sujeito. E há uma lei imutável no Cristianismo: sem morte não haverá vida, "sem efusão de sangue não se opera a Redenção", "quem quiser ganhar sua vida perdê-la-á". É o absurdo, a loucura da Cruz. Mas essa cruz, o sacrifício, é o único caminho de salvação.

Fraco e mole como sou, só me resta uma entrega e uma confiança ilimitadas. Tudo é obra d'Ele. E Ele não me abandonará: "O Senhor é meu Pastor". Também não mandará provações superiores às minhas forças. Ele sabe minhas limitações, conhece os compromissos assumidos (se forem de sua vontade. . .). Inquietar-me, portanto, sobre a natureza, a duração, o efeito da morte do Cristo em mim — é coisa vã, e perniciososa. Preciso viver como cego e ignorante que se deixa conduzir por Aquele que é a Luz e a Verdade".

Pe. Paulo tomou consciência de que sua caminhada espiritual entrara na noite escura da provação

A partir desta experiência pessoal Pe. Paulo tomou consciência de que sua caminhada espiritual entrara na *noite escura da provação*, do silêncio de Deus, das provações humanas, da manifestação da fraqueza. Assim caminhará sem desânimo, incansavelmente, até o fim de seus dias. Buscará vencer as tentações de ser novidadeiro, a tentação de trocar a oração pelos jornais, a curiosidade pelo poder. Já vencera o apego às artes, ao esporte, que para ele eram impedimento de se apegar somente ao Senhor. Uma luta difícil, mas sempre reençada após quedas, buscando na sua "Experiência" de 1961 a força para recomeçar.

Quando Pe. Bratti se refere à sensualidade, não se deve pensar farisaicamente no pecado contra a castidade: está se referindo à preocupação com os prazeres dos sentidos em geral. Não excluiu fraquezas neste campo, mas apenas fraquezas, jamais tendo tido relações amorosas com quem quer que fosse, apesar de calúnias facilmente difundidas e mais facilmente ainda acreditadas!, as quais não teve a mínima preocupação de desmentir. Aproveitou-as para se mortificar, para pesar sua fraqueza diante do Senhor.

Viu o celibato não como um peso, mas como uma *graça libertadora*. Muito mais poderíamos acrescentar, mas cremos que estas poucas notas oferecem uma pálida idéia do desejo que Pe. Paulo teve de estar em *comunhão* com Deus.

Sua espiritualidade, podemos repeti-lo, não se alimentou especialmente nos Sacramentos. Nos últimos anos nem mesmo na Leitura da Bíblia, pois os textos que interessavam à sua Experiência os conhecia de cor. Interessante que nem mesmo a Pessoa de Cristo era muito citada: sua contemplação e oração se dirigiam ao Deus de Abraão, Isaac, Jacó, que motivaram a "Noite de

Luz” de B. Pascal, dos Profetas, ao Deus que fala no Deserto e que quer desposar seu povo.

HOMEM DA PALAVRA

A palavra e seu anúncio fascinavam Pe. Paulo. Gostava de falar ao público, da celebração da Palavra, de pregar retiros, proferir palestras, dos meios de comunicação social. Insistia junto aos seminaristas para que aprendessem a escrever corretamente, falar com conteúdo e elegância. Tinha pavor de padre “burro”, isto é, que não sabe comunicar a mensagem, que fica alheio às grandes questões que afligem a Humanidade. Bratti sabia que o modo de passar a mensagem era fundamental para se ganhar credibilidade.

* Quando de sua passagem por Itajaí (1963-1966) escreveu nos jornais e falava em programas radiofônicos. Continuou o mesmo apostolado em Brusque, levando adiante o programa “Minutos em Família”, na Rádio Araguaia. Conservam-se os textos destes programas, todos exarados num estilo enxuto e elegante. Em Florianópolis tinha verdadeiro prazer em falar na TV, escrever em jornais, especialmente em “O ESTADO”; foi também colaborador de O LUTADOR, de cujo Diretor Pe. Pascoal Rangel era amigo. Nutriam admiração recíproca, pois ambos não se deixavam seduzir pelos modismos teológicos, denunciando sem medo da crítica qualquer tipo de reducionismo. Tornando-se conhecido e apreciado pelos jornalistas, estes vinham ao seu encontro quando necessitavam de resposta para problemas do momento. Também era procurado pelos políticos, aos quais passava sempre aquilo que era fundamental para uma política solidária e cristã. Dava-se bem com representantes de todas as correntes, pois não era um homem ideologizado. Alguns gostariam que ele tomasse posições, definindo-se por algum lado político. Para Bratti, ser homem

A posição do padre é ser aberto, ecumênico, diante de todos os fascínios ideológicos

de posição não era ter posição partidária, mas estar aberto ao diálogo com todos, único caminho para a Igreja levar sua mensagem: a posição do padre é ser aberto, ecumênico, diante de todos os fascínios ideológicos. Toda ideologia leva ao radicalismo e impede a continuação do diálogo: em vez de interlocutor, temos no adversário não alguém a converter mas um inimigo a destruir.

Gostava de dizer: “dentro de mim mora um cão bel-letrista”. Referia-se ao fato de gostar das artes, dos estilos, das literaturas. Mas a tudo tinha renunciado. Acompanhando seus tempos em Roma através dos Diários, a gente percebe como Pe. Paulo gostava das artes em todas as suas manifestações. Era musicista, alegrando os colegas através do violão e do órgão. Cantava com gosto e arte. Conhecia os expoentes do cinema e da literatura. Estudava as escolas de pintura e arquitetura. Mas, após sua “experiência religiosa” de 1961, a tudo abandonou. Não frequentou mais nenhum espetáculo. Quando se tocava nestes assuntos seus olhos faiscavam, mas logo retornavam ao desinteresse fingido: fora opção sua não mais participar de algo que lhe pudesse distrair os sentimentos.

Pe. Paulo estudara em Azambuja, onde ainda em plena década de 60 os mais modernos autores eram Taunay, Rui Barbosa,

Bernardes, Vieira. Nem se cogitava nos autores modernos propriamente ditos. As atas dos serões literários, das academias mostram o cultivo do rebuscamento, da adjetivação. Apesar disso, Pe. Paulo tem um estilo moderno, enxuto, corretíssimo. A leitura de seus Diários é um verdadeiro prazer: estilo sóbrio e claro, sem concessões a comentários fáceis, onde é preciso pescar com muita atenção para se encontrar um erro gramatical.

O mesmo pode ser notado nos seus artigos para os jornais: escreve com clareza e objetividade, sendo incapaz de prolixidades. Elegância francesa no escrever e no falar. Não foi por nada que Bratti tinha a França como o berço de tudo o que era bom e belo.

TESTAMENTO

O verdadeiro Testamento de um homem é a sua vida. Muitos, todavia, gostam de escrever um texto “definitivo”, que seja um retrato de seu desejo final. Uma carta de despedida.

Pe. Paulo redigiu seu Testamento em São Paulo a 23 de dezembro de 1962, primeiro aniversário de sua ordenação sacerdotal, três dias após seu retorno ao Brasil. Nesse dia nada escreveu em seu Diário que motivasse a redação de um Testamento. Às vezes era tomado pelo medo e, quem sabe, na ocasião, medo de avião. Em seu Diário consta:

“1º aniversário de minha ordenação: rezei missa de ação de graças e impetração. Logo depois apareceu aqui o Pe. Assis, de Natal, que veio visitar seu irmão. Ao meio-dia tomei um taxi e fui ao aeroporto de Congonhas onde às 3 horas tomei um avião da VARIG direto a Florianópolis. Em Curitiba embarcou o Arno Schmidt. Cheguei a Florianópolis às 5h30min. Vim à Catedral e aqui me hospedei. Saudei o Mons., Pe. Cardoso e outros. . .”

Suprimindo as disposições relativas a algum dinheiro que possuía, exatamente 100 dólares, manteve o mesmo texto quando o reassumiu em Florianópolis, a 21 de março de 1979:

“Em caso de minha morte, peço a todos os meus que se abstenham de lamentar e chorar muito. Não há motivo para chorar. Se é verdade que meus pecados são enormes e sem número, conforta-me, de outro lado, a certeza de que “Deus é amor” e sua misericórdia não tem limites. Por isso minha confiança é também ilimitada: “nas tuas mãos, Senhor, está entregue a minha sorte”, “seja feita a tua vontade”. Aceito, portanto, com coração filial a morte como uma dádiva de Deus: “morrer me

Por graça do Senhor não estou preso a nada e a ninguém: “o Senhor é a parte de minha herança”

é lucro”, repito com São Paulo. Por graça do Senhor não estou preso a nada e a ninguém: “o Senhor é a parte de minha herança”. Por isso parto sem dor, como um pobre que nada tem de seu e que em tudo, absolutamente em tudo, depende de seu Deus: “o Senhor é meu refúgio, minha fortaleza, meu libertador, pedra de minha salvação”.

Do dinheiro que, por providência do bom Deus, me resta, peço que seja reservada uma parte para uma Missa Gregoriana em sufrágio de minha pobre alma. O dinheiro que ainda restar, bem como toda a roupa que está nas malas, a máquina de escrever etc. — sejam entregues a meus queridos pais: “Pedro Otaviano Bratti — Lages — Santa Catarina.”

A todas as pessoas que eu tenha ofendido ou escandalizado peço humildemente perdão. Recomendo-me às orações de todos para que N. Senhor, que tanto me amou e tanto fez por mim, me receba misericordiosamente junto a Si. Torno a pedir a todos que não chorem minha morte, pois "a vida é mudada, não tirada" — e o Senhor me fez a merecida graça de ver na morte uma passagem (páscoa) da terra de exílio para a Pátria.

S. Paulo, 23 de dezembro de 1962 — 1º aniversário de Ordenação — Pe. Paulo Bratti."

A vontade de Deus quis que tivéssemos por pouco tempo Pe. Paulo Bratti entre nós. Não tivemos ocasião de conhecê-lo bem. Deixou um vazio muito grande naqueles que o amaram e especialmente no Instituto Teológico de Santa Catarina.

Mas teve a graça de poder logo contemplar Aquele a quem tanto amou. De entrar em comunhão total com Aquele que o chamava:

"Vem do Líbano, esposa minha, vem". Essas palavras vibraram intensamente dentro de mim, após o almoço (no PAULINUM), comunicando-me uma alegria toda celestial. Mas como preciso de paciência para que o Senhor me prepare para as núpcias, com aquele Seu método desconcertante! O que ficou claro para mim é que o Esposo me chama para a união, depois de atravessar o Deserto".

A travessia terminou na noite de 15 de maio de 1982, enquanto viajava de Palhoça a Florianópolis. Terminara também o exílio. Chegou, esperamos, à Terra da Promissão.

Florianópolis, 15 de maio de 1992

Endereço do autor:

Casa Paroquial do Saco dos Limões
Rua João Mota Espezim, s/nº
88045-400 — Florianópolis, SC

LANÇAMENTO

"SIRACIDA ou ECLESIÁSTICO"

Pe. Ney Brasil Pereira

Acaba de ser publicado pela Editora VOZES, de Petrópolis, em co-edição com a Editora SINODAL, de São Leopoldo, e Imprensa METODISTA, de São Paulo, o livro "SIRACIDA ou ECLESIÁSTICO", com os subtítulos: "A Sabedoria de Jesus, Filho de Sirac. Cosmvisão de um Sábio judeu no final do Antigo Testamento e sua relevância hoje". O livro é da autoria de Pe. Ney Brasil Pereira, professor de Exegese Bíblica no ITESC e redator desta revista. "SIRACIDA ou ECLESIÁSTICO" é um comentário do livro bíblico deste nome, um dos cinco que constituem o "pentateuco" da Sabedoria de Israel (Jó, Provérbios, Eclesiastes, Sirácida, Sabedoria), e faz parte da série do "Comentário Bíblico Latino-Americano" que vem sendo lançado pelas Editoras acima referidas. Comentário ecumênico que propõe uma leitura nova da Bíblia, a partir da realidade e tentando interpretar a leitura que da Bíblia fazem os pobres, aqui na América Latina, sem deixar de fundamentar-se no que de melhor a pesquisa exegética nos apresenta.

Abrangente como é o "SIRACIDA", que aborda quase todos os aspectos da vida religiosa e prática do seu povo, elencando e ilustrando inclusive as figuras marcantes da sua história, comentá-lo equivale a apresentar uma introdução a todo o Antigo Testamento, de certo modo sintetizado nesse livro.

Após uma Nota Prévia, em que o autor-comentarista justifica o não-recurso às notas ao pé da página, segue o Sumário e, logo, a Introdução Geral, esta em 15 páginas. O Comentário como tal é feito por perícopes, da pág. 29 à pág. 252, seguindo-se o Apêndice com uma "Tábua Cronológica", Mapas e a Bibliografia.

Fazemos votos para que este novo trabalho do Pe. Ney seja conhecido e apreciado e atinja seu objetivo: introduzir à leitura e à valorização da obra de um Sábio, o SIRACIDA, que "fez luzir a instrução como a aurora, derramou o ensino como profecia e o legou às gerações futuras" (cf. Sir 24,32-33) e cujo livro mereceu, por sinal, da tradição, o título de "ECLESIÁSTICO".

CONTRIBUIÇÃO PARA ASSINATURA

As contribuições que recebemos para o n.º 11 mal deram para cobrir as despesas postais, cada vez mais onerosas. Renovamos, por isso, o apelo para que nos remetam sua colaboração, digamos, de Cr\$ 10.000,00 pelo presente número. O Cheque, nominal, seja endereçado a

ENCONTROS TEOLÓGICOS
Caixa Postal 5.041 — ITESC
88040-970 — FLORIANÓPOLIS, SC